

UM GUERRILHEIRO MORREU

Prêso a um antigo botão, encontrei teu fio de cabelo Se-
doso, ouro, se enroscando na camisa e derramando-se até meus
pés.

Sim, eram lindos teus cabelos.

Em minha camisa velha, notei a pouco a marca de teus lá-
bios. Meio manchada, de um vermelho sangue, o baton forma no
branco do tecido uma espécie de animal pré-histórico, que me
assusta.

E sempre teus lábios me assustaram

Numa calça que não mais usava, encontrei vestígios de teu
sexo. Já não têm mais o mesmo odor forte, e quem não te conhe-
cesse não entenderia porque o teu sexo me foi tão importante.

De fato, teu sexo foi muito importante

A mesa de cabeceira aberta de repente, desvendou milhares
de segrêdos que gostaria de esquecer. Mas antes que pudesse
fecha-la de novo, um livro ~~de~~ do dominou meu olhar. Era o
livro que lias antes de dormir, trouxe-me recordações daquelas
noites de inverno.

Como estão longe as noites de inverno.

Há também, em velhos albuns que não ousa folhear, uma fo-
tografia tua, sorrindo, ofuscando as côres do pôr-do-sol ao
fundo. Nossas mãos estão juntas e não posso compreender o que
dizes.

Era enigmático, era belo o sorriso com que me prendestes.

A angústia de tantas lembranças me faz caminhar pelas noites, passo sempre pelo bar aonde sentamos juntos, e tu me dizias devagarinho o teu amor, nós sorriamos juntos, havia um molecote que engraxava sapatos e vendia amendoins.

Mais importante que tudo foram tuas palavras de amor.

E entre massas imensas de concreto surge uma praia escura, circundada de anúncios luminosos. Ali me possuíste pela primeira vez, ali fui completamente tua, e nunca mais de outro pude ser.

A praia transversal ao meu destino me impede de caminhar.

Quando olho minhas mãos me lembro das tuas, mãos fortes que me protegiam, mãos carinhosas que afagavam o meu ser, tristes mãos acenando no horizonte, quando partiste para nunca mais voltar.

Sinto-me só sem tuas mãos, que apodrecem sobre a Terra.

Volto, pois, cansada e sem desespero, aos locais aonde existimos juntos, para logo em seguida entregar-me à madrugada, ao silêncio da noite, que desde então tem sido meu único e constante amigo.

E quando a cortina de lágrimas envolve meus olhos, posso te divisar, ao longe, eternamente partindo, enquanto a Natureza em ebulição te devora, destrói em segundos a luta sem trégua de uma existência. Posso entrever teus enormes olhos amarelos esbugalhados diante do macabro espetáculo da morte, os sonhos se dissipando a medida que o sangue corria.

Olho em volta e vejo as criancinhas aterradas fugindo do bombardeio, as metralhadoras pipocando uma canção de ódio fratricida. Vejo as casas que caíam como papel, enquanto a gasolina gelatinosa se incumbia de cremar os cadáveres. Ainda ouço as sirenes, o pranto, as trevas. Mas o que mais ficou marcado foi tua voz, tua voz acima de tudo, programando a morte para construir a liberdade. Tua voz firme e serena, a mesma com que me acalentavas na cama e que agora servia para organizar o combate.

Tua voz era máscula e humana, mas havia em cada palavra um quê bem denso de divindade.

Ainda te ouço cantar no acampamento, o violão ferido pelas canções que tocavas, e atingindo fundo o peito de cada homem perdido naquela guerra sem fim. Geralmente havia estrêlas no céu, e sempre um cigarro amigo era acolhido com prazer. No intervalo dos combates tu cantavas, e mais do que o amor à causa, o amor por ti movia teus companheiros à vitória.

Até que um dia não voltastes. E em pouco vimos teu retrato no jornal, a barba grande e os olhos, aqueles imensos olhos amarelos que tanto amei. Até na morte tu irradiavas a paz com quem sempre convivestes, mesmo no front desta guerra sem esperança. Alguns gorilas exibem teu corpo tentando apavorar os que querem a luta. Estás abatido e inexpressivo, o corpo imóvel e nos lábios uma ironia foi petrificada. Mas restam teus olhos, que nem a morte pode modificar. E por êles os homens continuam ainda a luta.

Bem sabes que pouco entendi de política, e o sangue que vi correr enquanto te acompanhei pelas selvas me impediam de aceitar tuas idéias. Mas agora compreendo. Teu olhar depois de morto me diz muito mais do que tuas amadas palavras em vida: fala de uma liberdade pela qual o homem tem de enfrentar tudo, com risco de perder até a própria vida. Melhor que a definição de Lincoln são teus olhos mostrados sem pudor aos jornalistas. Melhor que o mais eficiente orador é o teu corpo de mártir, exibido com um desprezo macabro e odiento. Mais importante que tuas idéias foi tua luta, o ideal pôsto em prática, a teoria se transformando em ação.

Porém, nada mais sou que tua mulher. Meu coração se derrama em soluços cada vez que penso em ti, em teus cabelos, em tuas mãos, em teu sorriso. E se a Morte fêz vencer tuas idéias, eu continuo sózinha no mundo, tendo sómente o frio gelado da noite como companhia. Enquanto os dados apontam ora para um, ora para outro. Enquanto muitos pecam e poucas são as virtudes.

Enquanto o mundo continua, plácida e incansavelmente, seu círculo vicioso em volta do Sol.

Rio de Janeiro, 21 de maio de 1968

Desaprendi a escrever
busco a paz que não existe
triste mundo mundo triste
Há sempre um inseto pelo ar
e sussura baixinho no ouvido os sentimentos
que não são reais e amor sutil saindo
diabos me levem
são idéias idéias abstratas que circulo
e me circundam me envolvem já não penso
sou idéias estereotipos qacuros e de aço
bebo chopp fumo trago e amo as vêzes
quando me é possível amar
Mistérios que envolvem cada átomo
e espíritos desalojados do inferno estão aqui
olhando olhos injetados gargantas fumegantes
mas não saio, me dexio dominar obcecar
Busco a paz mas a ilusão é grande
sou poeta e o sentimento me estraçalha
vivo estou sorrindo estou mas hão sei
oh não sei desaprendi a escrever
busco o amor que não existe
triste mundo, mundo triste.

16/5/68